

DETERMINISMO E FATALIDADE



Para os Espíritos Superiores não existe determinismo. "(...) A fatalidade existe unicamente pela escolha que o Espírito fez, ao encarnar, desta ou daquela prova para sofrer. Escolhendo-a, instituiu para si uma espécie de destino, que é a consequência mesma da posição em que vem a achar-se colocado. Falo das provas físicas, pois, pelo que toca às provas morais e às tentações, o Espírito, conservando o livre-arbítrio quanto ao bem e ao mal, é sempre senhor de ceder ou de resistir. (...) (01)

Mesmo para as pessoas que pareçam ser perseguidas por um fatalismo marcante, as causas, se não estão na vida presente, têm origem no passado, em existências anteriores.

É importante, porém, que não se confunda determinismo com fatalidade. Determinismo é um sistema filosófico que nega ao homem o direito de agir livremente, de acordo com sua vontade.

"(...) Este sistema tem a representá-lo atualmente os positivistas e os materialistas de todas as escolas; mas é curioso notar-se que a sua origem se encontra na escolástica religiosa, que subordinava rigorosamente à influência da Providência divina a determinação da vontade... Mas, o determinismo materialista, como o determinismo religioso, negando o livre-arbítrio, suprimia (...) a responsabilidade. (...) (03)

A ideologia do determinismo vem de longe. "(...) Na antiga mitologia grega, encontramos a concepção das Parcas: criaturas que teciam a teia do destino, na qual era colhida a espécie humana, sem que esta dela se pudesse libertar. (...) (05)

Para os primeiros pensadores gregos, o destino das pessoas estava intimamente ligado à "(...) crença no poder absoluto das forças do universo. O destino do homem achava-se determinado por elas; conquanto não se sinta talvez satisfeito com isso, vê-se impotente ante elas. Deve obedecer-lhes. (...) (05)

Para *Pitágoras* e seus adeptos, "(...) a natureza do universo é formada de maneira a determinar o destino do homem. Os segredos de sua sorte acham-se encerrados nos números; somente podem ser desvendados se se compreender seu significado. Conseqüentemente, a maneira de saber o que acontecerá ao homem, a cada um, está em compreender a linguagem dos algarismos (...)".

Outro pensador grego da Antigüidade, "(...) *Heráclito* ensinou que o processo cósmico segue a determinadas leis. (...) Toda mudança, afirmou ele, está de acordo com uma lei fixa e imutável, lei que é o princípio básico do mundo. O homem está completamente sujeito a ela. *Heráclito* refere-se a essa lei, ou princípio, chamando-a, às vezes, *destino*; outras, *justiça*. (...) (05)



Quem primeiro procurou afastar o homem da idéia de um destino inexorável foram os filósofos gregos chamados *sofistas*. Segundo eles, "(...) O homem, *medida de todas as coisas*, não podia ficar inteiramente preso a um processo ou a leis de que não pudesse desvencilhar-se. Conquanto não fossem muito claros em sua exposição, parecia-lhes impossível que o homem não exercesse certo efeito sobre o próprio destino. (...) (06)

*Sócrates* não aceitava este domínio sobre o homem. "(...) Afirmou que o conhecimento constitui sua realização suprema. Alcançando o conhecimento, o homem age com acerto, é bom. Sem o conhecimento, corre o risco de agir com desacerto. Além disso, *Sócrates* acreditava que o homem pode, pelo conhecimento, ter certa influência sobre seu destino na Terra e na vida futura. (...) (06)

*Platão* era o defensor da liberdade. "(...) O homem pode vencer, e de fato vence, os objetivos do mundo. Embora seja uma criatura do Criador divino, pode ordenar sua vida de modo a vivê-la com espírito de justiça e sensatez. (...) (06)

*Aristóteles* acreditava na liberdade do homem. "(...) Para ele, a moral não é questão de lei inevitável, porém de livre escolha. (...) Temos liberdade de fazer o que é bom ou o que é mau. (...) (06)

Outros filósofos gregos que surgiram posteriormente acreditavam ou não no determinismo. *Epicuro* e os epicuristas não se inclinavam "(...) a deixar o homem como o títere de forças inexoráveis. Afigurava-se-lhe importante o livre-arbítrio. (...) *Zenão* e os estóicos assumiram a outra posição extrema relativamente à liberdade humana. Para eles, o mundo é o resultado de leis fixas e imutáveis. (...) (07)

Os pensadores gregos religiosos concebiam uma liberdade relativa para o homem. *Filon* acreditava que a encarnação da alma no corpo constituía uma queda, uma perda parcial da liberdade que possuía antes da encarnação. *Plotino* também acreditava na liberdade original da alma; isto é, o corpo é uma prisão e a alma ligada ao corpo está prisioneira, não é livre. Para esse filósofo, o homem como alma, como Espírito, é livre; tal não acontece se está ligado a um corpo.

Os pensadores cristãos dos primeiros tempos do Cristianismo e os da Idade Média, sobretudo os *apologistas*, criam um homem basicamente livre e a sua queda advém da ligação com o corpo. Acreditavam, ainda, que no momento da sua criação a alma teria a liberdade de escolher entre o bem e o mal.

"(...) Os antigos cristãos explicavam que Deus, toda bondade e perfeição, não pode ser responsável pelo mal e pelos pecados do mundo. O homem deve, portanto, arcar com essa responsabilidade e é livre. O antigo monge cristão *Pelágio* doutrinava que Deus deu liberdade ao homem para que possa escolher entre o bem e o mal. Cada um faz sua própria escolha dentro do espírito do livre-arbítrio. (...) (08)

Na Renascença, o homem da época procurou se desligar do domínio da Igreja e resolveu, por si, conhecer o mundo. Surgem, então, os primeiros cientistas. Entre eles destacamos *Galileu*, *Kepler*, *Isaac Newton*. Se, por um lado, "(...) libertava-se, assim, o



homem da autoridade do passado e da Igreja (...) - por outro lado - "(...) para ver-se novamente escravizado a um senhor mais poderoso e mais inflexível que qualquer outro que conheceu antes. O homem, na filosofia de muitos cientistas da Renascença, passou a ser simples parte de um universo mecânico (...)". (09)

"(...) *Francis Bacon* é o protótipo do homem que desejava, ardentemente, libertar-se das tradições do passado e abordar o universo sem preconceitos religiosos ou intelectuais. (...) (09) Para esse filósofo, o homem "(...) poderia descobrir as leis que governam o universo e determinar suas próprias ações. (...) (09) "porém, apesar do seu desejo íntimo de se libertar da religião, Bacon deixou o homem sujeito à vontade de Deus e, com isso, destituído de liberdade. (...) (09) "

"(...) *Thomas Hobbes* viu os resultados insatisfatórios da doutrina sugerida por Bacon; vai mais longe ao afirmar que tudo, no universo, está sujeito a uma série de causas e efeitos puramente mecânica. Tudo, até mesmo as ações e o destino do homem - argumentou - pode ser explicado mecanicamente (...). Assim, na opinião de Hobbes, é absurdo afirmar que o homem tem livre-arbítrio. (...) (10)

*Descartes* tentou conciliar as idéias de Deus interferindo no destino do homem, com as teorias mecânicas. Para ele, o Espírito é livre.

Os sucessores de Descartes, *Blaise Pascal* e *Pierre Bayle*, colocaram a liberdade no domínio da religião: o homem é livre através da experiência religiosa, e não pode provar essa liberdade pela razão.

*Espinosa* é totalmente determinista. Tudo no universo se encadeia. Não existe, para esse pensador, o livre-arbítrio.

*John Locke* acreditava que o homem não só tem liberdade como tem vontade; e que Deus dotou o homem de certos desejos. São esses desejos que levam o homem a ter vontade. Tendo vontade, é livre para agir.

Para *David Hume*, o homem só é livre quando as suas ações provêm dos seus desejos, da sua vontade; mas, se ele age atendendo a uma necessidade exterior, que não seja sua, ele não é um homem livre.

Para *Gottfried Wilhelm Leibnitz*, deve existir uma conciliação entre a Ciência e o Cristianismo. Leibnitz era monista. O homem, afirmava, é formado de mônadas. Essas mônadas não sofrem influências exteriores, logo, o homem não recebendo influências exteriores, é livre. No entanto, interiormente, o homem é governado pela sua vontade, pelos seus desejos, por sua natureza, em suma. A vontade do homem é manifestada quando ele sabe o que quer e luta por isto. O homem não será livre se não souber o que quer.

No movimento filosófico chamado *Iluminismo*, destacou-se um grande propagandista: *Voltaire*. Pregava a doutrina do livre-arbítrio, que se aproximava de quase uma completa irresponsabilidade; mais tarde, porém, abandonou esta doutrina e optou pelo determinismo. Dizia que só era livre quando podia fazer o que queria.